



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

“Vocês pensaram que eu não ia militar hoje?”
Cultura popular, gênero e classe no funk *Vai malandra*¹
“Did you think I was not going to protest today?”
Popular culture, gender and class at the funk song *Vai malandra*

Guilherme Barbacovi Libardi²

Luiz Henrique Castro

Palavras-chave: cultura popular; gênero; classe; funk; Anitta.

1. Introdução

O título deste estudo faz referência à fala da cantora carioca Anitta no festival de música *Villa Mix*³, que aconteceu na cidade de São Paulo em 13 de novembro de 2016. Na ocasião, a artista proferiu um desabafo criticando o preconceito contra a música funk e o machismo que sofria por ser uma cantora do gênero.

Uma vez eu peguei um cara que disse assim pra mim: “se tu fosse a minha mulher, a primeira coisa que eu ia mudar é isso aí de você rebolar na frente dos outros, isso ia acabar”. Aí eu falei: “Ah, entendi. Pra me pegar é legal. Pra ser a sua mulher não dá”. Hipocrisia que não dá. Sabe por quê? Eu prefiro ficar sozinha do que ser subordinada. [...] pra essas pessoas que acham que só porque a gente faz funk, a gente é menor, eu tenho uma coisa pra falar: Vocês

¹ Trabalho apresentado ao II Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 8 a 12 de abril de 2018.

² Publicitário (ESPM-Sul), Mestre em Comunicação e Informação (UFRGS) e Doutorando no mesmo programa e instituição. Bolsista CAPES. Vinculado ao Núcleo de Pesquisa Cultura e Recepção Midiática. gblibardi@gmail.com

³ ANITTAHD. **Anitta faz polêmica no Villa Mix Festival** "Eu prefiro ficar sozinha, do que ser subordinada" | #RJ. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2mNMITHfjn8>>. Acessado em: 24 dez. 2017.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

pensaram mesmo que eu não ia rebolar a minha bunda hoje, né?
(ANITTAHD, 2016, grifo nosso).

Neste texto, situamos o funk, cena musical⁴ na qual a cantora está inserida, como uma manifestação cultural que emerge da cultura popular. Localizamos a nossa noção do termo “popular” concordando com Hall, que o entende “como aquelas formas e práticas excluídas do ‘valorizado’ ou do ‘cânone’, ou opostas a estes, pelo funcionamento das práticas simbólicas de exclusão e fechamento” (2003, p.228). Deste modo, nos distanciamos da perspectiva do “popular” como algo massivamente consumido⁵, e nos aproximamos do seu âmbito sociológico, vinculando-nos à perspectiva dos Estudos Culturais. Na esteira desse pensamento, compreendemos o funk como uma cena musical que emerge e que se desenvolve a partir de uma cultura popular brasileira periférica. Dessa forma, entendemos que o funk, a partir da sua circulação na mídia, funciona como um articulador de questões que dizem respeito a um modo de vida de uma cultura popular que, de modo corriqueiro, não é representada legitimamente nos veículos de comunicação⁶. Portanto, compreendemos que as pautas da cultura popular periférica encontram no funk um veículo para ganharem visibilidade, algo que é potencializado pelo cenário de midiatização (HJARVARD, 2012).

Portanto, nos interessa analisar de que modo o funk *Vai malandra* (ANITTA, 2017) funciona como um produto midiático catalisador de crítica social em um contexto de midiatização.

⁴ Cenas musicais dizem respeito ao conjunto de práticas e atores que compõem uma manifestação cultural que se dá tendo a música como elemento central (SÁ; JANOTTI JÚNIOR, 2013).

⁵ García Canclini critica esta noção mercadológica do “popular” que emana nos meios de comunicação. Ver Canclini (1989).

⁶ Ver Hansen (2015).



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

2. Procedimentos Metodológicos

Para cumprir com o objetivo, foi realizada uma pesquisa documental, que trata da coleta de dados que não obtiveram um tratamento científico, como músicas e fotografias (MOREIRA, 2006). A fim de embasarmos nossa análise teoricamente, realizamos uma pesquisa bibliográfica que, diferentemente da documental, diz respeito a busca por documentos cientificamente verificados (STUMPF, 2008). Os dados e as teorias são articulados entre si partir de uma análise documental com enfoque à linguagem visual do videoclipe *Vai Malandra*. A análise documental contribui para “a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim” (MOREIRA, 2006, p.271). Ao combiná-la com a análise de linguagem visual, exploramos este documento na tentativa de construir um “conhecimento e compreensão das características discursivas da grande narrativa em que aquele registro visual se insere” (COUTINHO, 2006, p.341). Apresentados os procedimentos metodológicos, seguimos com a apresentação dos dados coletados.

3. Descrição do *corpus*

O videoclipe e a música *Vai malandra* fazem parte de um projeto lançado por Anitta chamado de *Check Mate*⁷. O *single* foi lançado em 18 de dezembro de 2017, em parceria com o MC Zaac, o *rapper* americano Maejor, os produtores Tropkillaz e o DJ Yuri Martins. Com direção geral do norte-americano Terry Richardson e criativa do brasileiro Marcelo Sebá, o videoclipe busca representar a autêntica favela brasileira unindo elementos do cotidiano deste espaço. Além deste cenário periférico, o produto audiovisual vai além, representando signos de protesto ao cenário político brasileiro e de reivindicação sobre o corpo feminino.

⁷ O projeto consistiu na ideia de que a qualquer momento um novo *single* poderia ser lançado nas plataformas digitais. Foram lançadas quatro músicas, sendo *Vai malandra* a última delas.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

O videoclipe se passa na favela do Vidigal, no Rio de Janeiro, e todos os figurantes são moradores da comunidade. Logo, o espectador é levado à realidade da periferia. Observam-se postes de luz em situações precárias, água parada, animais abandonados, entre outros elementos comuns do dia-a-dia do local. Esta cotidianidade também é explorada quando a cantora aparece se bronzeando com biquíni de fita isolante na laje, algo comum entre as moradoras da favela, bem como tomando banho de sol em cima de um caminhão.



Figura 1 – Cotidiano da periferia. Fonte: Elaborado pelos autores com base em *Vai malandra* (ANITTA, 2017)

Logo de início, Anitta é protagonista exibindo sua “bunda”. Nesta cena, a cantora optou por não realizar retoques e nem utilizar dublês, alegando ser normal o corpo feminino ter celulites e imperfeições.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais



Figura 2 - Nádegas sem retoques. Fonte: Videoclipe de *Vai malandra* (ANITTA, 2017)

Em seguida, ela sobe em uma motocicleta com a placa de número 1256 em referência ao Projeto de Lei de mesmo número. O PL 1256/2015 visa criminalizar o funk no Brasil. Sua autoria é o deputado Alexandre Baldy (PSDB)⁸.



Figura 3 – Referência ao projeto ao PL 1256/2015. Fonte: Videoclipe de *Vai malandra* (ANITTA, 2017)

Por fim, Anitta dança em um baile funk cercada da presença de negros, negras, travestis e transexuais.

⁸ CÂMARA DOS DEPUTADOS. **PL1256/2015**. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=1215463>>. Acessado em 12 jan. 2018.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

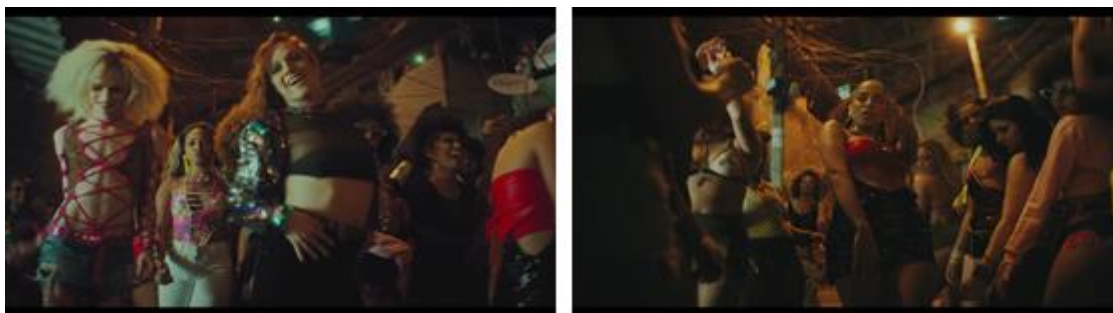


Figura 4 - O baile funk de Anitta. Fonte: Elaborado pelos autores com base em *Vai malandra* (ANITTA, 2017)

Durante o videoclipe, observamos uma Anitta diferente da imagem construída pela cantora no decorrer dos anos. Eis que no final, tudo faz sentido: quem está no videoclipe o tempo todo é Larissa Macedo (nome civil de Anitta), jovem periférica, de origem humilde, que aprendeu com o funk uma possibilidade de transformação da sua vida e do seu entorno, tornando-se Anitta.

*[...] com “Vai Malandra” eu quis voltar às minhas **origens** e mostrar a **realidade das favelas** cariocas. O funk é um ritmo que veio da periferia. É um gênero tão rico, tão brasileiro, e cheio de cultura, mas ao mesmo tempo não tem o reconhecimento que merece. A “malandra” do clipe não é objetificada, ela é a dona da história. E ela não é representada somente por mim, mas por todas as mulheres que participaram do clipe, na cena da laje ou na do baile. O clipe mostra diversos tipos de beleza, com diversas cores, pesos e gêneros. E toda essa beleza também é real, assim como a minha celulite (O GLOBO, 2017, grifo nosso).*



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Vai malandra tornou-se o videoclipe brasileiro mais visto em 24 horas no *YouTube* e a canção entrou no *top 20* das 50 mais executadas mundialmente no *Spotify*⁹, o que ilustra o interesse de boa parte do público em consumir o produto midiático¹⁰. Realizada a breve descrição do que nos interessa no produto audiovisual, seguimos com a articulação teórica.

4. Análise exploratória pelas lentes de gênero, classe e cultura popular

Conforme indicado no capítulo introdutório do texto, o estudo localiza-se no âmbito dos Estudos Culturais, compreendendo a cultura popular como um fenômeno situado em uma tensão contínua com a cultura dominante, travando embates e confabulando interesses ao passo em que uma transforma a outra neste processo de mão-dupla. (HALL, 2003; MARTÍN-BARBERO, 2001). A partir da descrição do *corpus*, percebemos a presença de signos que fazem circular possíveis críticas ao cenário social, político e cultural. Por isso, elegemos os conceitos de performance pela perspectiva do gênero (BUTLER, 2017) e de classe popular (CANCLINI, 2013), imbricados entre si e com o conceito de cultura popular – já explorado –, como centrais para a análise do videoclipe.

Performance diz respeito aos atos, gestos e atuações que “fabricam” e sustentam meios discursivos (BUTLER, 2017). Estendendo este conceito às questões de gênero à luz da autora, entendemos que “o fato de o corpo gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem status ontológico [...]” (BUTLER, 2017, p.235). Não possuindo um caráter essencialista, o gênero torna-se passível de construir-se organicamente. É a partir do corpo, local em que signos políticos e culturais são inscritos, que o gênero é

⁹ Disponível em: <<http://www.purebreak.com.br/noticias/anitta-quebra-records-com- apenas-24-horas-de-vai-malandra-veja- numeros/66376>>. Acessado em: 31 dez. 2017.

¹⁰ Não é nosso objetivo discutir acerca das motivações de consumo ou sentidos atribuídos por parte dos receptores. O foco está na produção e na mensagem.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

tornado inteligível. A partir desta relação entre performance, gênero e corpo, percebemos que Anitta é capaz de inscrever em seu próprio corpo signos de protesto em relação à artificial beleza hegemônica, evidenciando as “imperfeições” em si mesma, conforme a Figura 2. As representações das travestis na Figura 4 igualmente remetem ao caráter subversivo que permeia os corpos do videoclipe uma vez que, conforme Butler (2017, p.236), “o travesti [...] zomba expressivamente do modelo expressivo do gênero”. Portanto, podemos considerar que algumas performances de gênero representadas no videoclipe aludem a uma tentativa de libertação no que diz respeito aos “atos e gestos” que constroem hegemonicamente – e aprisionam – o feminino e o masculino. Estas performances e suas rupturas são constituídas a partir de referências que advêm de um local com suas próprias formas de estar no mundo e de experienciá-lo. Para pensarmos sobre ele, torna-se necessário discutir as questões de classe, dando enfoque ao “popular” tendo em vista o que já foi discutido sobre a cena funk.

Para Canclini (2003, p. 23), o termo “popular” “se define [...] pelas estratégias instáveis, diversas, com que os próprios setores subalternos constroem suas posições”. O autor considera que a mídia é um *locus* nos quais esta classe encontra alternativas para se fazer ver e ouvir. Em *Vai malandra*, encontramos uma ampla diversidade de signos que expressam um modo de vida revelador de protestos de ordem política e cultural de ordem classista. É o que pode ser visualizado nas Figuras 1 e 3. Dessa forma, Anitta atua como uma plataforma que eleva os modos de vida de uma classe subalternizada ao estatuto da visibilidade massiva, abrindo espaço para uma discussão sobre esta parcela da população. Canclini (2003) ainda analisa que produções midiáticas realizadas por grupos que estão no poder encontram-se fardadas a representações equivocadas de o que é uma classe popular, o que é confirmado pelo estudo de Hansen (2015). Anitta, no entanto, tendo pertencido a este grupo e possuindo um “registro” de *habitus*, contribui ao representar esse grupo de uma forma adequada, revelando a sua essência.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

É nesse contexto de intersecções entre performances de gênero e de classe em um modo de vida da cultura popular que damos luz às representações de protestos em *Vai malandra*.

5. Considerações finais

A partir desta exploração, consideramos que sim, existem representações de práticas de resistência em *Vai malandra*. Elas são compreendidas em, por vezes, sutis sobreposições entre gênero, classe e suas ressonâncias no âmbito da cultura popular. Assim, *Vai malandra* funciona como um veículo de manifestações contra discursos opressores de ordem social e política. A partir de suas performances de gênero, Anitta rompe com a representação hegemônica dos corpos na cena funk ao colocar em evidência a sua celulite, pessoas transexuais e às reais práticas de uma comunidade situada na cidade do Rio de Janeiro. De forma autêntica, a cantora dá visibilidade a questões que dizem respeito às mulheres, sugerindo novos “usos” de seus próprios corpos; e à cena funk, apresentando-a como inclusiva, apesar das tentativas políticas de censurá-la.

Ainda que existam signos de protestos apresentados no videoclipe, também consideramos que o produto midiático opera, em determinadas ocasiões, a partir de gramáticas hegemônicas que poderiam ser problematizadas. O diretor Terry Richardson, por exemplo, conta com acusações de abuso sexual. Estas questões não foram o foco do estudo até aqui. Porém, nos levam a confirmar as aproximações que se estabelecem, muitas vezes, entre o subalterno e o poder.

Por fim, *Vai malandra* nos leva a considerar que o funk, inscrito nas lógicas de produção (MARTÍN-BARBERO, 2001) de uma cena musical (SÁ; JANOTTI JÚNIOR, 2013), vem configurando-se como um *locus* midiático em que reivindicações da cultura popular – e, nesse estudo, sobretudo àquelas relacionadas às intersecções de gênero e classe –, são colocadas em visibilidade através de um processo de mediação (HJARVARD, 2012) que expande o alcance destas representações.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

Referências bibliográficas

ANITTA. **Anitta, Mc Zaac, Maejor ft. Tropkillaz & DJ Yuri Martins - Vai Malandra (Official Music Video)**. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kDhptBT_-VI>. Acessado em: 30 dez. 2017.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidade**. Distrito Federal: Grijalbo, 1989.

COUTINHO, I. Leitura e análise da imagem. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.

HALL, S. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG. Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HANSEN, C. **Os ex-pobres do Brasil**. As representações da “nova classe média” nas revistas Carta Capital, Época, IstoÉ e Veja. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social), PUCRS, 2015.

HJARVARD, Stig. **Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural** In: **Matrizes**. n.2, 2012.

MAIA, F. **Métodos globais podem fazer de Anitta a primeira estrela brasileira**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/12/1945458-metodos-globais-podem-fazer-de-anitta-a-primeira-estrela-brasileira.shtml>>. Acessado em: 24 dez. 2017.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MOREIRA, S. V. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.

O GLOBO. **Em entrevista exclusiva, Anitta fala sobre celulite e a questão da mulher no clipe ‘Vai malandra’**. 2017. Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/gente-boa/post/em-entrevista-exclusiva-anitta-fala-sobre-celulite-e-questao-de-mulher-no-clipe-vai-malandra.html>>. Acessado em: 24 dez. 2017.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

SÁ, S. P.; JANOTTI JUNIOR, J (orgs). **Cenas musicais**. Guararema: Anadarco Editora, 2013.

STUMPF, I. R. C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.